

# COO JORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

**EXTRA**



**URUGUAI,  
ATÉ QUANDO?**

**AS CARTAS DE FLÁVIA  
SEQÜESTRO EM PORTO ALEGRE  
OUTRO BRASILEIRO PRESO**

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira Cooperativa de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembleia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembleia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

#### Editor

Elmar Bones da Costa  
**Secretário**  
 Osmar Trindade

#### Redação

José Antônio Vieira da Cunha, Rosvita Saueressig, Jorge Polydoro, Tomás Pereira, Waldoor Teixeira, Elaine Lerner, Lenora Vargas, Marco Antônio Schuster, Rafael Guimarães, Najar Tubino, Maria Angélica de Moraes, Leonardo Dourado, Silvio Corrêa, Marina Wodtke, Lilian Bem David, Jorge Gallina, Baru Derquin, Maureci Santos, Pedro Flores **editores, repórteres, diagramadores e fotógrafos**, Sérgio Batsow, Edgar Vasquez, Juvenal da Luz, Luiz Carlos Ferré **arte**, Luiz Recena Grassi **(Brasília)**, Gilberto Pauletti **(Rio)**, Geraldo Hasse, Jorge Escosteguy **(São Paulo)**, Cleizer Naves **(Belo Horizonte)**, José Maria de Andrade **(Recife)**, Paulo Marconi **(Salvador)**, Luiz Lanzetta **(Florianópolis)**, Zélia Leal **(França)**, Eva Dürr **(Alemanha)**, Moema Bauer **(México)**, Licínio Azevedo **(Moçambique)**, Caco Barcelos **(Nova Iorque)**, José Reis, Quilda Terezinha Cardoso e Mozart dos Santos **(arquivo e laboratório)**.

#### Industrial

Francisco Alba **(coordenador)**, Lindomar da Silva, Sílvia Berni, Edison Ubiratan Trindade, Maria de L. B. Lima **(revisão)**, Carlos Milton Rios **(produção)**, Júlio Ferrari, Atli Vinetón **(fotoarte)**, Paulo Sá, Ivan Carlos Franco, Hélio Pinho, Júlio César Martini **(fotocomposição)**, Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado, Léo Roberto dos Santos **(montagem)**.

#### Administração

Eládio Vieira da Cunha

#### Comercial

Enio Lindenbaum, Francisco Cleber Bressani

#### Circulação e Assinaturas

Renan Carvalho Rodrigues **(coordenador)**, Suzi de Ávila Béni e Gilberto Taurino

#### Números atrasados

A venda somente a partir da edição nº 13. Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL.

#### Endereço

Rua Comendador Coruja, 372  
 CEP 90.000 — Porto Alegre — RS  
 Fones 218984 e 240951 — Telex (051) 1605

#### Registro nº 33170/Livro A 1

Impressão: Diário de Notícias

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.

**ASSOCIADOS:** José Antônio Vieira da Cunha **(Presidente)**, Tomás Pereira **(Vice-Presidente)**, Rosvita Saueressig **(Secretária)**, Afonso Ritter, João Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Baru Derquin, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow **(Conselheiros de Administração)**, Antônio Oliveira, Agnese Schifano, Danilo Ucha, Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques **(Conselheiros Fiscais)**, Assis Hoffmann, Elmar Bones, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten, Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guaraci Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd **(Conselheiros de Edição)**, Adélia Porto da Silva, Ademir Vargas, Ângela Beatriz Riccardi, Antônio Brito, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Koleza, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Edgar Vasquez, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ybarra, Imara Stallbaum, Jandira César, José Antônio Ribeiro, José Félix Valente, Julieta Pereira, Leo Javejnhansky, Licínio de Azevedo, Luiz Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson de Oliveira, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Clovis Malta, Omar de Barros F., João Carlos F. da Silva, Lenora Vargas, Leonid Strucliaev, Divino Fonseca, João B. Scalco, Eva Caparelli, Maristela Bairos, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintonowit, Silvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Comercindo Coutinho, Carlos Salzano, Laíla Pinheiro, Marinória Schilling, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlbeg, Jussara Pereira Coelho, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Maria Inês Burger, José A. Pinheiro Machado, Olivio Lamas, Sílvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Tonello, José Abu-Jamra, Sérgio Becker, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascientes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Marfada, Carlos Karnas, Valdir Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Aída Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Faillace, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Figueiredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Artech, Neusa Ribeiro, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armando Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rubenich, Citina Leal, Leonardo Dourado, Edson Gomes Chaves, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Veraine Silveira, Adroaldo Correa, Vera Daisi Barcelos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Vladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Moura, Paulo Fogaça, Severino Goes, Fernando Guedes, Neltair Abreu, Maria da Graça Silva, Walmaro Paz, Milton Fernando Weis, Maria Helena Brancher, Maria Luísa Teixeira, Júlio Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najar Tubino, Marise Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Costa, Juarez Fonseca, Maria Elói da Silveira, Renato Kern, Vera Kern, Valmório Oliveira Rios, Eivaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higinio Bentes, José Eneid, Francisco, José Roberto Garcez, Valdir da Silva, Cândido Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska, Carlos Rafael Guimarães F., Carlos Frederico Menz, Eduardo San Martin, Ilza Girardi, Eugênio Neves, Carlos Eduardo Athanasio, Renato Camini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoor Teixeira, José A. Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Ennio Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling, Fernando Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Silvio Correa, Luis Carlos Ferreira, Anibal Bendatti, Arthur Oliveira F., Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Ruschel, Luis Fernando Verissimo, José Luiz Prévidi, Maria Elaine Borges, Eduardo Bueno, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Toralles, Luiz Lanzetta, Alice Urbim, Ana Maria Barros, Lotário Neuberger, Ubirajara Silva Prate, Antônio Canabarro Trois, Bernadete Viana, Eloísa Beatriz Enck, Carlos Alexandre Castro, Cristina Baptista Pereira, Jane Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Nascimento, Paulo Antônio Barros, Rionar Trindade, Rômulo Krafta, Vera Maria Bosak, Patrício Davila Bentes, Raul Quevedo, Ricardo Bolsoni, Mirta Vieira Coelho, Juvenal da Luz Neto, Juan Carlos Gómez, Luiz Recena Grassi, Ariosto Paz Teixeira, Ayrton Centeno, Celso Schroeder, Milton Ribeiro da Silva, José Antônio Severo, Lucila Camargo, Paulo Marconi, Armênio Abascal, Maurecy Santos, Hélcio Ferreira, Luis Humberto, Valtér Firme, Manuel Joaquim Martins, Jorge Meditsch, Pedro Flores e Zeka Araújo.



## Caro leitor

Como el Uruguay no hay

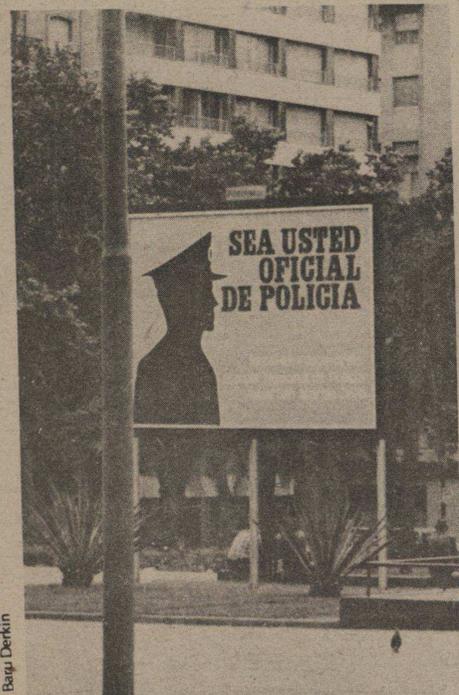
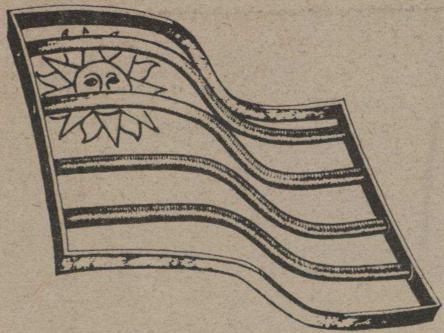
A frase, cunhada nas décadas de 50 para caracterizar a prosperidade e a tranquilidade política do Uruguai, ainda serve. Só que agora para caracterizar o lado oposto da moeda. Neste continente já tão singularmente violento e militarizado, o Uruguai passou a ocupar um lugar especial. Tão especial que o vocábulo ditadura, por a meno, está soando inadequado para definir o regime que lá se implantou. É preciso juntar a ele um adjetivo para dar uma idéia mais precisa do que acontece neste pequeno País.

A foto acima mostra a paisagem aparente do Uruguai de hoje, um País habitado por velhos, minado por uma profunda decadência econômica, como que parado no tempo. nas páginas seguintes, alguns relatos que mostram a face verdadeira da ex-Suíça das Américas.

Associado à

**AJOCOOP**

Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas



Paisagem de Montevideu, hoje



Patrulhas armadas de metralhadora e carros brasileiros, imagem comum em 72: todos eram suspeitos



Crisis

# Um País sufocado pelas medidas de "seguridad"

Por Tomás Irineo Pereira

De 1972 para cá, 40 mil pessoas passaram pelas prisões políticas do Uruguai

A vida dos familiares de presos políticos no Uruguai é uma aflição constante. "Nunca sabemos quando vamos receber a informação de que devemos ir buscar o corpo de nosso filho", afirmaram os pais de um rapaz preso sob a acusação de atividades subversivas.

Todo o país está mergulhado nesta tensão. Famílias foram separadas, algumas foram completamente assassinadas e os filhos pequenos até hoje não apareceram. Calcula-se que aproximadamente meio milhão de uruguaios deixaram seu país nos últimos dez anos fugindo da repressão ou da tensão política. Nos últimos 20 anos, são cerca de um milhão que emigraram em busca de emprego na Argentina, Brasil, Paraguai, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Europa.

O clima no país é de absoluta insegurança e relatórios da Anistia Internacional afirmam que 40 mil pessoas passaram pelas prisões políticas do Uruguai desde 1972. Além das temíveis cadeias de Punta Carretas, Punta Rieles Libertad, sabe-se que existem cadeias clandestinas, algumas funcionando em residência e casas expropriadas pelas forças de segurança.

É o país do medo. Quem está empregado, em órgãos públicos ou privados, e sofrer qualquer tipo de suspeita de atividades políticas — se for esquerdizante é prisado na hora — perde o emprego. Calcula-se que somente neste ano 150 professores foram demitidos sob a acusação de simpatizarem com idéias de esquerda. É sintomático, por isto, que ninguém queira dar entrevistas. É até possível falar com algumas pessoas, mas mediante o compromisso expresso de que seus nomes não serão revelados. "Olha, meu caro, até gostaria muito de falar com você. Mas compreenderás que não conseguiremos sair da trivialidade" avisou o ex-senador e economista Cláudio Willmann.

## ATAS INSTITUCIONALES

A função pública é muito bem controlada. Ninguém pode se empregar no Governo se tiver sofrido processo. Além disso, até março precisava assinar uma declaração chamada **Certificado de Fé Democrática**, substituída a partir desse mês pelo **Certificado Habilitante para la Función Pública** que é fornecido pelos Órgãos de Segurança. Os meios de ensino estão amordaçados pela **Ordenança 17**, uma portaria governamental bem mais terrível que o 477 que calou professores e estudantes no Brasil. Aliás, as regras jurídicas de repressão assemelham-se bastante às brasileiras. O Uruguai também tem os seus atos institucionais chamados de **Atas institucionales**.

É verdade que em alguns casos os militares não conseguiram cumprir à risca suas próprias determinações. Isto ocorreu na UTE, a empresa estatal de eletricidade, onde técnicos de uma unidade inteira se recusaram a assinar o **Certificado de Fé Democrática**. Foram ameaçados com o desemprego, mas como o país não possuía técnicos para substituí-los, a regra criou a sua primeira exceção.

## DESAPARECIMENTOS

Calcula-se que, nos últimos três meses, entre 30 e 40 pessoas foram seqüestradas em Buenos Aires e Montevideu pelas forças uruguaias, incluindo-se aí mais o casal e as duas crianças seqüestradas de Porto Alegre dia 12 de novembro (as restantes foram capturadas em Montevideu mesmo e Buenos Aires) O quadro demonstra um plano de caça indiscriminada a todos os que se empenham em divulgar as atrocidades cometidas pelo Governo, dentro e fora do país.

O Governo, por seu lado, não admite ter em seu poder qualquer destas pessoas desaparecidas. A única exceção é o caso de Lilián Celiberti e Universindo Diaz, (os dois levados de Porto Alegre) devido à grande repercussão que teve na imprensa.

No dia 2 de novembro, por exemplo, foi seqüestrada em Buenos Aires, Ana Maria Salvó, de 24 anos, mãe de dois filhos pequenos. Sua mãe, dona Laura Sanches, desde então vai diariamente ao comando militar, mas não consegue obter nenhuma informação sobre a filha.

O Governo Uruguai, aliás, sempre utilizou a tática de não reconhecer esses seqüestros. Mas, dias 29 e 30 de outubro de 1976, através de dois comunicados oficiais, as forças conjuntas informaram a detenção de 62 pessoas acusadas de organizarem "planos subversivos". No segundo comunicado, o governo do Uruguai deu o nome de 14 desses 62, sem falar nos demais 48 — e todos os 14 foram seqüestrados em Buenos Aires.

## PAÍS DE BOA CONDUTA

A história que mais choca é a das crianças desaparecidas. Sabe-se o nome de cinco seqüestradas conjuntamente com seus pais e que jamais apareceram. Em Montevideu, entre as famílias de presos políticos, é possível ouvir histórias terríveis. O pai de um preso contou que uma criança desaparecida, cuja mãe foi assassinada pela polícia, foi encontrada pela avó um ano depois em poder de um casal de médicos sem filhos. A criança, agora com dois anos e meio, foi localizada há quatro meses. "No caso de crianças pequenas eles encaminham ao juizado de menores, que as entregam a novos pais de boa conduta".

Uma conversa franca com essas pessoas nos revela um novo mundo. As informações indicam que pelo menos 100 pessoas morreram nas câmaras de torturas dos cárceres uruguaios e que cerca de seis mil superlotam hoje suas prisões. Oficialmente, o governo admite ter 2.800 presos.

O major Ricardo Jacinto Apolo, um atencioso oficial que nos recebeu no Hospital Militar, no centro de Montevideu, confirmou que somente este hospital tem 500 leitos. "Isto é uma cidade, e a imprensa não entra aqui de forma alguma" desculpou-se. O hospital atende quase exclusivamente presos políticos e está em obras pois precisa de mais espaço.

## FABRICAÇÃO BRASILEIRA

O novo regime, instalado no país em maio de 1973, mudou também alguns aspectos da vida de Montevideu, uma cidade que continua linda e com um povo muito amável e cortês. As ruas foram inundadas por automóveis fabricados no Brasil, um exemplo evidente da penetração brasileira no Prata, substituindo aos poucos os fornecedores argentinos. Outra novidade: o

policimento de rua tornou-se ostensivo e intenso. Os carros com policiais civis e fardados cruzam-se nas esquinas, uma imagem desconhecida para Montevideu. Todos são camionetes Caravan e Veraneio, de fabricação brasileira.

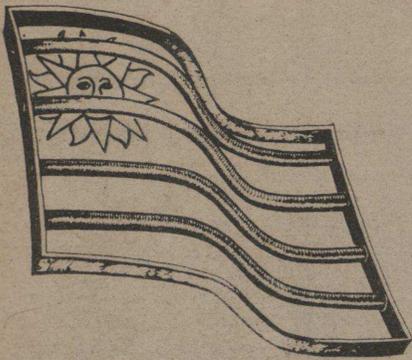
A população não fala de política. Todos têm medo, é preciso primeiro ganhar a confiança para arrancar algumas impressões. O desemprego pulou para cerca de 13 por cento e a dívida externa multiplicou-se nestes cinco anos de regime. O Uruguai deve hoje mais que o Brasil em termos proporcionais: uma dívida de 1,7 bilhão de dólares para uma população de 2,8 milhões de habitantes (O Banco Central admite oficialmente uma dívida de 1,34 bilhão). O Uruguai tornou-se importador de trigo um produto tradicional da sua economia e há quatro anos fecha com um déficit aproximado de 100 milhões de dólares sua balança comercial (perto de 500 milhões em exportações para importações de 600 milhões de dólares).

## IMPRESA CALADA

O Brasil é um dos principais credores do Uruguai, embora seja difícil obter dados neste campo. Boa parte da dívida uruguia é paga com o fornecimento de carne bovina, mas em contrapartida o Brasil lhe envia eletrodomésticos e automóveis, consolidando no Prata a presença de sua indústria. Quatro bancos locais foram comprados por capitais norte-americanos. A economia, hoje, é sustentada basicamente pela venda de carne, lã, couro, alguma coisa de amendoim, arroz, milho, além do turismo e da grande caixa de câmbio em que o país se transformou. É muito fácil entrar no Uruguai com dólares e sair com pesos, ou vice-versa. É fácil trocar qualquer moeda. A economia, em síntese, passou a ser francamente dominada por uma minoria financeira, como aliás ocorre em todo regime de direita. A imprensa está calada por uma censura violenta.

Os políticos mais importantes estão fora do país, exilados, ou simplesmente foram assassinados. Depois de cinco anos de silêncio, não resta em postos chaves nada além de militares, policiais e tecnocratas. Só estes dão ordens. Mas a cúpula militar começa a mostrar sinais evidentes de desagregação, motivadas em

(Continua na pág. 4)



Papeleiro, sinal da pobreza



Luiz Abreu

Manhã em Pocitos: mesmo na praia a presença de militares é constante

Baru Derkin

inclusive donas-de-casa. Bastava que fosse votante para que seu partido lhe arranjasse uma jubilação. Com isso chegou-se ao ponto de que cada trabalhador uruguaio sustentava três jubilados.

Sem condições de fazer as mudanças que o País necessitava e interessada apenas em manter a sua riqueza ou aumentá-la mesmo através da corrupção, a elite dirigente deixou o País mergulhar na crise.

Em 1966, uma tentativa de remendar a situação: um plebiscito restabelece o presidencialismo no País, dando mais força ao executivo. Assumiu José Maria Gestido, que morreu um ano depois colocando na presidência um ex-boxeador, Jorge Pacheco Areco. Antes do seu primeiro ano, tornou ilegais os partidos de esquerda considerados radicais e mandou fechar os jornais de oposição, especialmente os que se mostravam simpáticos ao movimento de guerrilha urbana gerado entre a classe média. Em junho de 1968, com o respaldo dos militares e depois de uma greve bancária, Areco instaurou as famosas Medidas de Pronta Seguridade. Ficaram proibidos na imprensa as notícias sobre greves, reivindicações de trabalhadores ou reuniões sindicais. E o processo se acelera. Os militares, que entraram na parada para acabar com a guerrilha e moralizar o governo corrupto dos políticos, começam a assumir todo o controle do País.

Em julho de 69, o governo proíbe que os jornais, rádio e tv mencionem os grupos tupamaros, proíbe também o ingresso de livros, revistas ou qualquer publicação que os mencione direta ou indiretamente. No dia 8 de outubro, quando os tupamaros tomaram a pequena localidade de Pando, foram proibidas as palavras *comandos, células, terroristas, delinqüentes políticos, ideológicos, extremistas, subversivos* (insinuava-se usar assassino, criminosos, etc.).

Mesmo assim em 1971, ainda se realizaram as eleições presidenciais, que apresentaram uma novidade: a Frente Amplia, coligação formada entre todos os partidos e grupos de esquerda, apresenta como candidato o general reformado Arturo Liber Seregni. A Frente Ampla ataca duramente o governo e se propõe a fazer as reformas políticas que o País necessita para a sua pacificação. E obtém 20% dos votos nas eleições de novembro, apenas 2% a menos do que o candidato eleito, Juan Maria Bordaberry, do Partido Colorado. Para a opinião pública no entanto, a vitória foi fraudulenta pois o verdadeiro vencedor foi Wilson Ferreira Aldunate.

Logo após as eleições, o general Seregni e os principais líderes da Frente Amplia foram presos e no início de 73, a ditadura

militar ficaria declarada, com a formação de um conselho de generais que passou realmente a governar. Bordaberry apenas cumpria ordens. Em junho de 73 fechou o congresso, três dias depois dissolveu a confederação nacional dos trabalhadores. Até a coleta de assinaturas para um abaixo-assinado pedindo a libertação de Seregni e seus companheiros foi proibida. Os partidos políticos foram liquidados. Ao final de 1973, uma estimativa de órgãos de defesa dos direitos humanos afirmava que o Uruguai tinha 6 mil presos políticos, o maior índice do mundo, na relação presos políticos — população.

No dia 4 de dezembro de 1973, já exilado em Buenos Aires, Wilson Ferreira Aldunate, senador do Partido Blanco e candidato a presidente na eleição de 71, declarava:

"No Uruguai se tem torturado como em muitos países. Nestes tempos tristes, o nosso País não é original. Mas há uma diferença: entre nós, a tortura tem sido aplicada a muitos, por muitos. O método integral agora os procedimentos e normas de atuação estatal em toda circunstância. E sua aplicação não se confiou à equipe de especialistas que — como os carrascos — são usados, mas depois ocultos e desprezados. Confiou-se a um vastíssimo número de integrantes das Forças Armadas. Isso como é natural, adiará, dificultará a normalização da vida do País: a repressão se torna antídoto contra a represália e a ditadura uma defesa contra a Justiça".

Ainda no final do mesmo ano de 73, William Higgs, diretor do Comitê For Open Society (Comitê por uma Sociedade Aberta) integrada por cidadãos que se opõem à política externa dos Estados Unidos, fez uma viagem ao Uruguai. Investigou e colheu informações e na volta enviou ao senador William Fulbright, presidente do Comitê de Relações Exteriores do Senado Americano, o seguinte informe:

"A embaixada americana apóia há vários anos, atividades repressivas da polícia contra movimentos sociais uruguaio: ajudou na criação de um Esquadrão da Morte, deu amplo apoio, conselho e treinamento à polícia uruguaia, inclusive no que concerne à prática de torturas. Ajudou a controlar telefones em todo o Uruguai, trabalhando em conjunto com as autoridades locais."

Nestes últimos cinco anos a situação do Uruguai só tem piorado. Com a oposição inteiramente esmagada internamente, os generais partem para atacá-la no exterior, como forma de justificarem a manutenção do Estado policial que implantaram.

## VOCÊ NÃO PODE DEIXAR DE LER!

Quatro temas palpitantes da 2ª Guerra Mundial

- F1 A Legião Condor e a Guerra da Espanha** — Peter Elstob  
A participação da Alemanha nazista na Guerra Civil Espanhola. Para Franco o apoio em armas, tropas e tecnologia nazistas foram fundamentais para sua vitória. Para Hitler a Guerra da Espanha foi a oportunidade de testar suas armas e suas teorias de guerra. Para a Espanha o resultado foi uma ditadura de 40 anos. — Cr\$ 70,00
- F2 Genocídio, a Destruição das Minorias** — Ward Rutherford  
Perseguição e morte dos judeus na Europa. A solução final de Hitler e os campos de concentração e extermínio. Dachau, Auschwitz, Treblinka, Sobibor. — Goebbels, Eichmann, Bormann, Goring, Heydrich. — Os trens da morte, as câmaras de gás, os fornos crematórios, os extermínios em massa. — Centenas de fotos inéditas. — Cr\$ 70,00
- F3 Hitler**, Alan Wykes  
Biografia completa de Hitler a partir de pesquisa nas próprias fontes. Uma obra fundamental para conhecer o nazismo desde suas origens. Ilustrado com dezenas de fotos dos arquivos dos exércitos americano e inglês. — Cr\$ 70,00
- F4 O Levante de Varsóvia** — Gunther Deschner  
Em agosto de 1944 o povo polonês se levantou em armas para libertar seu país dos opressores nazistas. Foram confrontados com as tropas de elite das SS e unidades disciplinares formadas por criminosos condenados que aplicaram os métodos mais brutais de repressão. Após dois meses de luta os poloneses se renderam e Varsóvia estava destruída. — Cr\$ 70,00
- G1 Casa-Grande e Senzala** — Gilberto Freire  
Mesmo tantos anos depois de seu lançamento estamos diante de uma obra que não se pode deixar de ler para compreender o Brasil. Casa-Grande e Senzala é fundamental para entender a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. — Ilustrado — 2 vols. — Mais de 1000 pags. — Cr\$ 220,00
- G2 Lampião, Capitão Virgulino Ferreira** — Nerton Macedo  
A mais completa narrativa das aventuras vividas pelos bandoleiros que obedeceram a chefia do feroz Rei da Caatinga. A história do Cangaço desde suas origens e causas até a morte de Lampião, em Angicos. — Cr\$ 100,00
- G3 Seminário dos Ratos** — Lygia Fagundes Telles  
Uma escritora consagrada volta a seus leitores com quatorze contos cheios de densidade e verdade. Um mundo de introspecção e vivência sofrida. — Cr\$ 85,00
- G4 Competência Planejada** — Laurence Peter  
Os estudos de Laurence Peter sobre o dilema humano levaram-no a concluir que a maioria das pessoas quer "ir adiante", mas ao mesmo tempo encontra-se desorientada, em impasses nos quais "ir adiante" significa ir em qualquer direção. Uma obra brilhante, cheia de novas idéias. Apenas Cr\$ 100,00
- G5 Discurso de Primavera e Algumas Sombras** — Carlos Drummond de Andrade  
Último livro de Drummond onde o poeta aplica seus recursos de lirismo para enfrentar as sombras do mundo de hoje. Uma advertência aos descuidados, aos indiferentes e aos responsáveis pelo equilíbrio social. Nesta obra de Drummond o verso adquire a utilidade imediata de um sinal de alarme. Cr\$ 75,00
- Aproveite a oportunidade. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.**

Agência Literária Veritas Ltda.  
Comendador Coruja, 3/2 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros assinalados com um X:

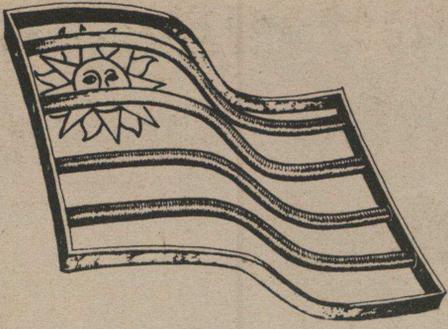
F1	F2	F3	F4	G1	G2	G3	G4	G5
----	----	----	----	----	----	----	----	----

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ Bairro \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

\* Não cobramos despesas de remessa. Assinatura: \_\_\_\_\_



Simon, 20 dias...



O senador Michelini (ao centro) numa de suas últimas fotos



... Mariana, ano e meio, Anatole, 4 anos, e Victoria, um ano na lista dos seqüestrados

# Em quatro anos, 117 foram seqüestrados (10 crianças)

## Os uruguaiois que se asilaram na Argentina sentiram toda a violência

A imprensa internacional teve uma prova clara dos métodos e da disposição dos militares uruguaiois para calar seus inimigos na manhã do dia 23 de maio de 1976. Nesse dia, apareceram crivados de bala, dentro de um carro abandonado nos arredores de Buenos Aires, os corpos de Zelmur Michelini e Hector Gutierrez Ruiz, dois políticos de grande prestígio em seu país.

Michelini, ex-ministro e ex-senador, era um dos principais líderes da Frente Ampla. Pediu asilo ao governo argentino em 1973, quando a repressão no Uruguai chegou a níveis insuportáveis para qualquer pessoa que fizesse oposição ao governo. E Ruiz, que saiu na mesma época e pelos mesmos motivos, era presidente da Câmara de Deputados e líder do Partido Blanco. O caso dos dois — seqüestrados, torturados e metralhados, juntamente com outras três pessoas — foi o que mais repercutiu.

Mas eles não foram os únicos. Entre dezembro de 1974 e os primeiros dias de 1978, foram seqüestrados ou assassinados 117 pessoas uruguaiois que se haviam asilado na Argentina, país que na época do endurecimento do regime uruguaio desfrutava de relativa liberdade e foi preferido pelos perseguidos políticos. A lista destes 117 seqüestros foi feita pelo Secretariat Internacional de Juristes Pour L' Amnistie em Uruguay, com sede em Paris, que elaborou um minucioso documento, relatando um a um deles com detalhes verdadeiramente impressionantes.

O documento mostra que dos 117 seqüestrados, 16 foram assassinados (alguns tiveram seus corpos mutilados), 25 encontram-se desaparecidos (a polícia uruguaia nega que os tenha em seu poder) e os restantes 76 ou estão presos no Uruguai ou igualmente desaparecidos. Do total, dez são crianças, seis das quais encontram-se desaparecidas.

Para fazer o seu levantamento, o Secretariat — órgão ao qual pertence o jurista Jean Louis Weil que investigou o seqüestro do casal de uruguaiois de Porto Alegre, baseou-se em relatos familiares das vítimas, ex-prisioneiros e de organismos inter-

nacionais de defesa dos direitos humanos como o Alto Comissariado da ONU para Presos Políticos, de Buenos Aires, do Movimento Argentino de Solidariedade com Latino-américa, da Igreja Católica e de outros.

O levantamento, no entanto, é incompleto. Ele registra apenas os casos ocorridos até o início de 78. Depois disso, não há registros confirmados, embora se saiba que eles continuam ocorrendo, como confirmam agora os casos de Universindo Rodrigues Dias e Lilian Celiberti seqüestrados de Porto Alegre há um mês.

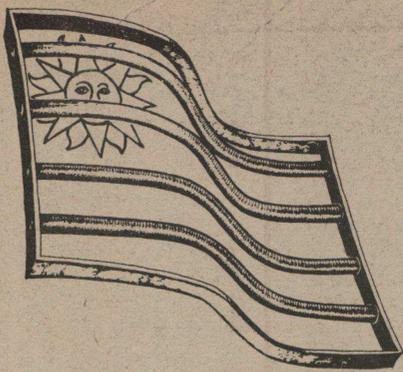
Esta é a lista das pessoas desaparecidas ou assassinadas, de acordo com o Secretariat pour L'Amnistie:

### SEQÜESTRADOS EM BUENOS AIRES ENTRE FEVEREIRO E OUTUBRO DE 1976

1. Nebio Melo Cuestas, 32 anos, casado, operário, detido em 8/2/76
2. Winston Mazzuchi, 31 anos, agente comercial, em 8/2
3. Ary Cabrera Prates, 46 anos, ex-dirigente sindical, em 5/4
4. Eduardo Chizzola, 25 anos, solteiro, professor de educação física, seqüestrado em 17/4 e até hoje desaparecido.
5. Hugo Gomensoro, 22 anos, estudante, em 13/5.
6. Manuel Liberoff, 55 anos, casado, médico, ex-dirigente do sindicato dos médicos, em 19/5.
7. José Gaetano Maigor, desapareceu de Buenos Aires em fins de maio.
8. Geraldo Gatti Antuña, 44 anos, casado, ex-diretor do Sindicato dos Gráficos e um dos mais importantes líderes sindicais do Uruguai, fundador da Confederação Nacional de Trabalhadores (CNT). Seqüestrado de sua residência no bairro Belgrano, em Buenos Aires, em 9/6. Está desaparecido até hoje mas presume-se que esteja preso em Montevideú.
9. Maria del Pilar Nores Montedonico, em 10/6.
10. Jorge Gonzalez Cardoso, em 15/6.
11. Elizabeth Perez Lutz, seqüestrada juntamente com Jorge Gonzales Cardoso dois dias antes de viajarem como exilados para a Holanda.
12. Hugo Mendez, 31 anos, casado, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil, membro do secretariado da Central Sindical Uruguaia, em 15/6.
13. Enrique Rodriguez Martinez, 26 anos, casado, jornalista, em 30/6.

14. Monica Soliño Platero, estudante, em 8/7
15. Cecilia Gayoso Jauregui, estudante, em 8/7.
16. Ana Maria Quadros, operária, mãe de duas meninas, em 8/7.
17. León Duarte Lujan, 48 anos, casado, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Pneumáticas, um dos mais destacados líderes de trabalhadores do Uruguai, membro do secretariado da Central Sindical Uruguaia, até hoje desaparecido. Seqüestrado na noite de 13 de julho.
18. Sérgio Ruben Lopez Burgos, operário têxtil, na noite de 13/7.
19. Ariel Soto, estudante, na noite de 13/7.
20. Asilu Maceiro Perez, noite de 13/7.
21. Sara Mendez Lompodio, na noite de 13/7.
22. Simón Antonio Riquelo, 20 dias, filho de Sara Mendez, noite de 13/7 e até hoje desaparecido.
23. Margarita Michelini, filha do ex-senador Zelmur Michelini, seqüestrada de sua casa na rua Domingo French, 443. No último momento ainda conseguiu entregar a uma vizinha seu pequeno filho. Em 13/7.
24. Raul Altuna, esposo de Margarita Michelini, em 13/7.
25. Raquel Nogueira, esposa de Enrique Rodriguez Martinez (13), seqüestrada quando procurava informações do marido desaparecido, em 13/7.
26. Enrique Rodriguez Larreta, 55 anos, jornalista, pai de Enrique Martinez (13) e também seqüestrado ao buscar informações do filho, em 13/7.
27. José Felix Diaz Berdayes, em 13/7.
28. Laura Anzalone, esposa de José Berdayes (27), em 13/7.
29. Eduardo Dean Bermudez, na rua, em 13/7.
30. Alicia Cadenas Ravelo, de sua casa em 14/7.
31. Ana Salvo de Espiga, de sua casa em 14/7.
32. Victor Hugo Lubian, do hotel onde vivia, em 14/7.
33. Marta Petrides, esposa de Victor Lubian (32), em 14/7
34. Maria Elba Rama Molla, estudante, em 14/7.
35. Edelweiss Zahn de Andres, seqüestrada de sua casa. Seus dois filhos pequenos e seu marido puderam fugir e vivem hoje na França. Em 14/7.
36. Gastón Zinna, do hotel onde vivia, em 22/7.
37. Carlos Goessens, em setembro.
38. Alvaro Nores Montedonico, irmão de

39. Alberto Cecilio Mechoso Mendez, 42 anos, operário, casa, em 26/9.
40. Adalberto Waldemar Soba, em 26/9.
41. Roger Julien Caceres, de sua casa em 26/9.
42. Victoria Grisonas, esposa de Roger (41), de sua casa com seus dois filhos até hoje desaparecidos, em 26/9.
43. Anatole Julien Grisonas, 4 anos, filho de Victoria (42), até hoje desaparecido, em 26/9.
44. Victoria Julien Grisonas, um ano, filho de Victoria (42), até hoje desaparecido, em 26/9.
45. Pablo Errandonea, 21 anos, estudante, na rua em 26/9.
46. Raul Tejera, 27 anos, agente comercial, casado e pai de uma filha, em 26/9.
47. Jorge Zaffaroni, seqüestrado de sua casa em 27/9.
48. Maria Emilia Islas, esposa de Jorge Zaffaroni (47), seqüestrada com sua filha até hoje desaparecida, em 27/9.
49. Mariana Zaffaroni, um ano e meio, filha de Maria Emilia (48) e até hoje desaparecida, em 27/9.
50. Miguel Morales von Pieverling, estudante de Medicina, em 28/9.
51. Josefina Kleiner, esposa de Miguel Morales (5), em 28/9.
52. Washington Gram, operário da construção civil, em 28/9.
53. Cecilia Trias, estudante, em 28/9.
54. Javier Peralta, em seu emprego, em 29/9.
55. Beatriz Barboza, em sua casa, esposa de Javier (54), em 29/9.
56. Ruben Prieto Gonzales, 23 anos, operário, pai de uma filha, seqüestrado na frente do hospital Pirovano sob o olhar de várias pessoas e de dia, em 30/9.
57. Pablo Recagno, estudante, na rua em 1/10.
58. Rosario Carretero, estudante, esposa de Pablo (57), em 1/10.
59. Miguel Angel Moreno, estudante, em 1/10.
60. Rafael Lezana, estudante, em 1/10.
61. Carlos Rodriguez Mercader, professor, em 1/10.
62. Bernardo Arnone, operário de metalurgia, casado, 25 anos, em 2/10.
63. Washington Queiro, operário, em outubro.
64. Telba Suarez, professora, seqüestrada dia 17 de abril. Seu corpo foi encontrado crivado de balas dia 19 numa rua de Buenos Aires.
65. William Wittelaw, seqüestrado dia 13 de maio com sua esposa e três filhos no centro de Buenos Aires. Os cadáveres dos dois foram encontrados dez dias depois, com claros sinais de torturas selvagens, junto com os de Zelmur Michelini e Hector "Toba" Guetierrez Ruiz. Os três filhos de dois meses, um ano e meio e quatro anos, foram entregues em Montevideú às famílias das vítimas oito dias depois, após intensa campanha da imprensa internacional.



cação, afora o próprio Governo Uruguaio e os policiais brasileiros.

As crianças foram entregues aos avós em Montevideu, mas Lilián e Universindo, integrantes de uma "vasta organização internacional marxista", estavam detidos em local incerto e não revelado. Imediatamente, um silêncio pesado baixou sobre a censurada imprensa de Montevideu, que ainda na véspera havia anunciado "el secuestro" ocorrido em Porto Alegre em "extrañas circunstancias". E os jornais brasileiros (Jornal do Brasil, Correio do Povo, Folha da Tarde) que chegam às bancas da capital uruguaia começaram a ser confiscados ainda na estação rodoviária, devido à insistência na incômoda tese do seqüestro.

Na semana seguinte, com a máxima boa-vontade para ouvir as explicações do Governo de Montevideu, viajei para lá, em companhia do fotógrafo Ricardo Chaves. Atravessamos a fronteira em Chuí, via rodoviária (apesar dos péssimos antecedentes vividos pela família Casariego, conforme a versão das Forças Cojuntas), e chegamos a Montevideu. Na capital uruguaia, embora o sol forte e a multidão de banhistas na praia de Pocitos, encontramos um clima tremendamente frio. Embora (ou, talvez, por isso mesmo) o tema fosse quente, o diplomata de sorriso glacial que nos recebeu na embaixada brasileira, em Montevideu, fracassou na originalidade:

— Aqui, o que sabemos é através da imprensa brasileira e, assim mesmo, muito mal, pois só recebemos os jornais alguns dias da semana.

Orientados pelo Comandante-em-Chefe do Exército, tentamos melhor sorte na sala apertada e confusa da Dirección Nacional de Relaciones Públicas (DINARP, a versão local da AERP), no primeiro andar da Casa do Governo, o único canal de informação oficial do País. Qualquer jornalista que deixar de lado a DINARP e proteger sua matéria com o sigilo da fonte habitual em imprensas menos censuradas, está sujeito simplesmente à prisão — antecedida, é claro, pela devida sessão de pau para denunciar a fonte. Portanto, todos ao DINARP.

— Bueno, no fué secuestro. El comunicado de las Fuerzas Conjuntas infor-



O advogado Weil no local do crime: "Foi seqüestro"

mó que el matrimonio ingresó clandestino en el país.

O comandante Juan Medina, chefe-adjunto do DINARP, mostra-se surpreso pela ousadia da pergunta. E, tremendo tanto que mal consegue acender o cigarro com as mãos agitadas pelo nervosismo, ouve espantado o meu testemunho pessoal sobre o seqüestro de Porto Alegre.

— A versão uruguaia não satisfaz ainda a opinião pública brasileira. E, enquanto não tivermos maiores esclarecimentos, continuaremos com a versão da imprensa brasileira. Foi seqüestro, comandante.

— No tenemos informaciones, señor, ni sabemos donde están detenidos.

## Para o Governador, uma questão de honra

Cumprida a praxe inócua, nós, jornalistas brasileiros já mal acostumados com a relativa liberdade que assola a imprensa nos estertores do AI-5, partimos para o trabalho extra-DINARP. Na praia do Bu-

ceo, uma das muitas franjas de areia banhadas pelo rio da Prata na costa de Montevideu, encontramos Camilo, um seqüestrado aos 8 anos de vida e separado da mãe com muitas outras crianças do grande campo de concentração que é o Uruguaí hoje. Vivo, inteligente, Camilo fornece a pista mais importante para esclarecer o caso: a descrição de um prédio localizado em Porto Alegre, às margens de um "arroyito" ladeado por duas avenidas. Exatamente a sede da Secretaria de Segurança Pública, na Avenida Ipiranga, onde funciona o DOPS gaúcho. (Veja a entrevista de Camilo na página 12).

Cinco dias depois, para dar mais segurança à informação, recebemos de Porto Alegre uma foto do prédio e checamos com Camilo:

— Mira, foi neste prédio que eu e minha irmã estivemos, disse surpreso, ao olhar a terceira foto que lhe mostramos, junto com outras duas do jogo Internacional e Caxias, que não pôde assistir porque foi preso ao sair do apartamento, na tarde de 12 de novembro.

Manchete de primeira página nos principais jornais brasileiros, a denúncia de Camilo provocou enérgicos desmentidos do Secretário de Segurança e levou o



Macksen: "Uma trama para agitar"

governador Sinal Guazzelli a proclamar o assunto "questão de honra" para os Governos gaúcho e brasileiro. A honra, no entanto, parece ter sido mal lavada. A Secretaria de Segurança gaúcha, depois de uma "investigação preliminar", apurou o que ninguém pedia, a inocência dos policiais gaúchos, enquanto continuava mergulhada em mistério a identidade dos seqüestradores. E o coronel Rubem Ludwig, porta-voz do Palácio do Planalto, em Brasília informava candidamente que o assunto ainda não chegara ao "conhecimento" do presidente Ernesto Geisel. No Ministério da Justiça, a Polícia Federal prometia entrevistas coletivas e denunciava uma fantástica trama subversiva internacional para "agitar o Uruguaí" e perturbar a sólida paz interna de um "País amigo".

Em Punta del Este, onde os laços de amizade brasileiro-uruguaio estavam sendo solidificados na X Reunião de Chanceleres da Bacia do Prata, nenhum jornalista estava preocupado com as banalidades discutidas anualmente nos encontros de 72 horas realizados pelas delegações dos cinco países da região.

## Obstáculos para chegar às respostas

— Flávia Schilling e o seqüestro de Porto Alegre. Alguma novidade?

Esta era a pergunta, diária e teimosa, dos 15 jornalistas brasileiros presentes no Hotel Cassino São Rafael. E havia dois obstáculos principais para chegar às respostas:

1) O silêncio das autoridades uruguaias e brasileiras. O chanceler Azeredo da Sil-

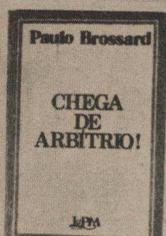
## Enquanto o livro do General Olympio Mourão Filho está apreendido, Você pode ler outros bons lançamentos da L & PM Editores



A1 - O mais completo documento sobre o movimento de 31 de março de 1964. 2.ª edição. Cr\$ 250,00



A2 - Um livro corajoso e veemente. Mais denúncias contra o totalitarismo e as arbitrariedades do Governo. Cr\$ 80,00



A3 - As denúncias do pacote de abril e da corrupção. Um brado pela volta ao estado de direito. Cr\$ 80,00



A4 - Um livro que conta os bastidores da truculenta censura à imprensa exercida em nosso país. Cr\$ 90,00



A5 - O novo romance de Josué Guimarães. A votação da emenda do divórcio é assistida na "casa" de Dona Anja. Cr\$ 120,00



A6 - Todo o humor e a ironia de Woody Allen, já em 3.ª edição. Ganhador de 4 Oscars em 77. Cr\$ 100,00



A7 - Contos e novelas curtas tratando da solidão e da miséria nas grandes cidades. Um livro impressionante. Cr\$ 120,00



A8 - Uma novela sobre a noite e o submundo. Uma história urbana, e personagens singulares. Cr\$ 80,00



A9 - A volta de um grande sucesso. 7 histórias de grande qualidade literária. Cr\$ 80,00



A10 - O "espírito" de Hitler para sobre os anos 70. Muito humor, numa incrível história de aventuras. Cr\$ 80,00



A11 - O mais completo quadro do humor brasileiro, com 82 dos maiores humoristas. 2 volumes. Cr\$ 90,00 cada



A12 - Humor. Cartuns sobre poluição, censura e realidade brasileira em geral. Cr\$ 70,00



A13 - O maior sucesso teatral dos últimos anos. Humor e drama em situações reais. Cr\$ 90,00



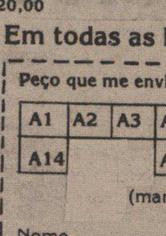
A14 - A volta do grande sucesso. Em 4.ª edição. Textos e a história da liberdade através dos tempos. Cr\$ 70,00



A17 - O homem da pré-história ao seu fim. Um livro importante. Humor Cr\$ 90,00



A18 - Rango reeditado em seus primeiros números. 240 pg. Cr\$ 70,00



A18 - Rango reeditado em seus primeiros números. 240 pg. Cr\$ 70,00

Em todas as livrarias, ou pelo reembolso postal

Peço que me enviem pelo reembolso postal os seguintes livros

A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13
A14				A17	A18							

(marque com um "x" os livros desejados)

Nome.....

Endereço.....

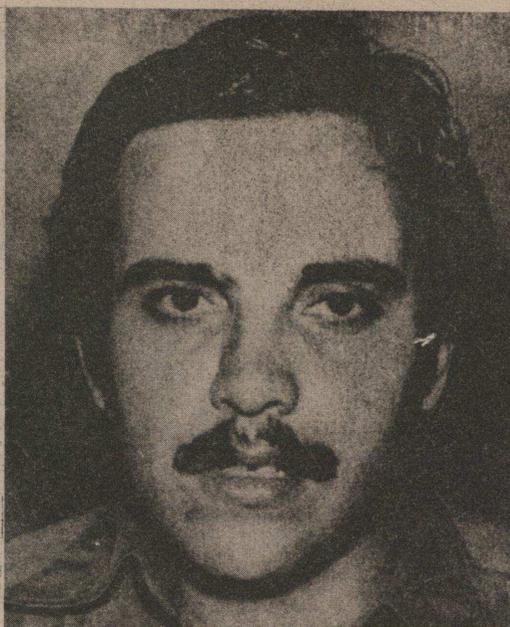
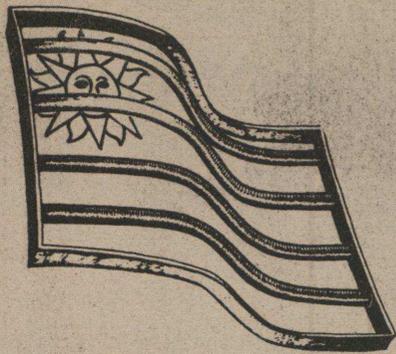
Cidade.....

Recorte este cupom e envie para a L & PM Editores Ltda. Rua Nova

Yorque, 306 - 90.000 Porto Alegre - RS.

CEP..... Estado.....

Não mande dinheiro agora



Lilian e Universindo, os dois uruguaios seqüestrados



# SEQÜESTRO EM PORTO ALEGRE. CHEGA AO BRASIL O TERROR URUGUAIO

Militares uruguaios iam repetir em Porto Alegre o que estão acostumados a fazer em Buenos Aires. Numa operação com policiais do Brasil, seqüestraram quatro pessoas. A operação só não foi bem sucedida porque a imprensa ficou sabendo. Apesar das dificuldades na coleta de informações, os detalhes da operação são cada vez mais evidentes. O jornalista Luiz Cláudio Cunha, da sucursal da Abril, em Porto Alegre, acabou sendo um dos personagens da história: testemunhou, junto com o fotógrafo J. B. Scalco, o primeiro lance do seqüestro

Onze horas da manhã de 17 de novembro de 1978: Porto Alegre, a partir deste momento, passa publicamente a ser mais um pedaço de um imenso, perigoso, inseguro território multinacional conhecido geograficamente como o Cone Sul do continente. E politicamente identificado como o paraíso da repressão sem fronteiras.

O telefone soa na sucursal da revista *Veja*, na capital gaúcha, e uma voz em castelhano se mistura à zoeira de números e nomes que jorram do rádio e da TV sintonizados para a apuração das eleições de dois dias atrás:

— Deseo hablar con el periodista Luiz Cláudio Cunha.

Atendo o telefone e o tema surpreendente da conversa consegue desviar, por alguns instantes, a minha atenção do placar eleitoral e do time de futuros parlamentares que vai fazer parte da reportagem de capa da semana.

— Una pareja y dos niños uruguaios que viven em Porto Alegre están desaparecidos hace una semana. Los nombres son Lilián Casariego y Universindo Rodríguez Díaz y los niños se llaman Camilo y Francesca. La dirección es calle Botafogo, 621, habitación 110. Por favor, necesitamos que alguien vea lo que pasa!

— Mas, o que significa "desaparecidos"?

— Detenidos.

Antes de desligar, o autor do telefonema, que dizia estar em São Paulo, recusa identificar-se e avisa que chama mais tarde. Volto ao trabalho e, perto das 4h da tarde, em companhia do fotógrafo J. B. Scalco, encontro afinal tempo para verificar o que se passa na "calle" Botafogo. Em frente ao prédio, estacionado, um Passat cor creme com um homem ao volante. O dia está nublado e garoa. Ingressamos no hall do andar térreo do último bloco do edifício, um conjunto de três prédios, nível classe média baixa. Atrás de nós entra um sujeito forte, roupa esporte e bolsinha preta a tiracolo, que passa ao lado e sobe ao primeiro andar pela escada. Ao pé da escada, no térreo, está a porta cinzenta do apartamento 110. Aperto a campainha. Um minuto e uma moça morena, cabelos escorridos e olhos imensos de medo, abre a porta alguns centímetros:

— Olá. Universindo? Universindo Rodrigues Díaz, vive acá? Usted es Lilián? Bueno, nosotros somos de la Editorial Abril. Recibimos un teléfono de San Pablo. Está todo bien?

Antes que Lilián conseguisse trocar a

expressão de terror por uma resposta, a porta foi escancarada e a moça saiu de cena para dar lugar a um cano de pistola calibre 45 quase grudada na minha testa, entre os olhos. O mesmo acontecia com Scalco, ao meu lado.

— San Pablo? — pergunta-me o anfitrião, mandando erguer os braços e entrar. Por trás, ajuda a empurrar o sujeito que havia subido as escadas momentos antes. A porta é fechada, atrás de nós, e nos colocam de frente para a parede, mãos para cima e pernas abertas para uma revista cuidadosa. A todo existem quatro ou cinco homens na sala, escurecida pelas persianas baixadas e com uma TV portátil ligada a meio volume num filme de aventuras, parece. Lilián foi levada para uma das dependências internas do apartamento, onde o movimento indica a presença de mais gente, talvez três ou quatro pessoas mais, que no entanto não se exibem diante de mim e do Scalco.

Cuidados semelhantes havia entre os homens na sala. Todos se mantinham calados e não pude encontrar ninguém parecido ou falando espanhol. Todos estavam trajados esportivamente e portavam pistolas pesadas. E apenas um, o que me apontou o revólver na cara (um homem de estatura mediana, magro, cabelos entre castanho e ruivo e bigode comprido), falava durante a operação, parecendo ser o chefe do grupo.

Quando comecei a falar português, pôde-se notar uma certa perplexidade no grupo de homens armados: diabos, então eu não era uruguaio?

— Jornalista? Como é que vieste aqui? Quem te avisou? Telefonema de São Paulo? Quem era?

**"Tudo bem, podem baixar as mãos"**

O bombardeio de perguntas do chefe me deu a segurança (segurança?) de que enquanto o diálogo se mantivesse vivo a possibilidade de violências maiores estaria mais distante. Respondi a todas as perguntas com a ênfase e a calma estritamente necessárias para o momento. (Um detalhe: era a primeira vez, na minha vida, que tinha o raro privilégio de observar tão de perto o interior, longo e escuro, de um cano de pistola, qualquer que fosse o

calibre. E uma vez só chega.) E o chefe voltou a insistir:

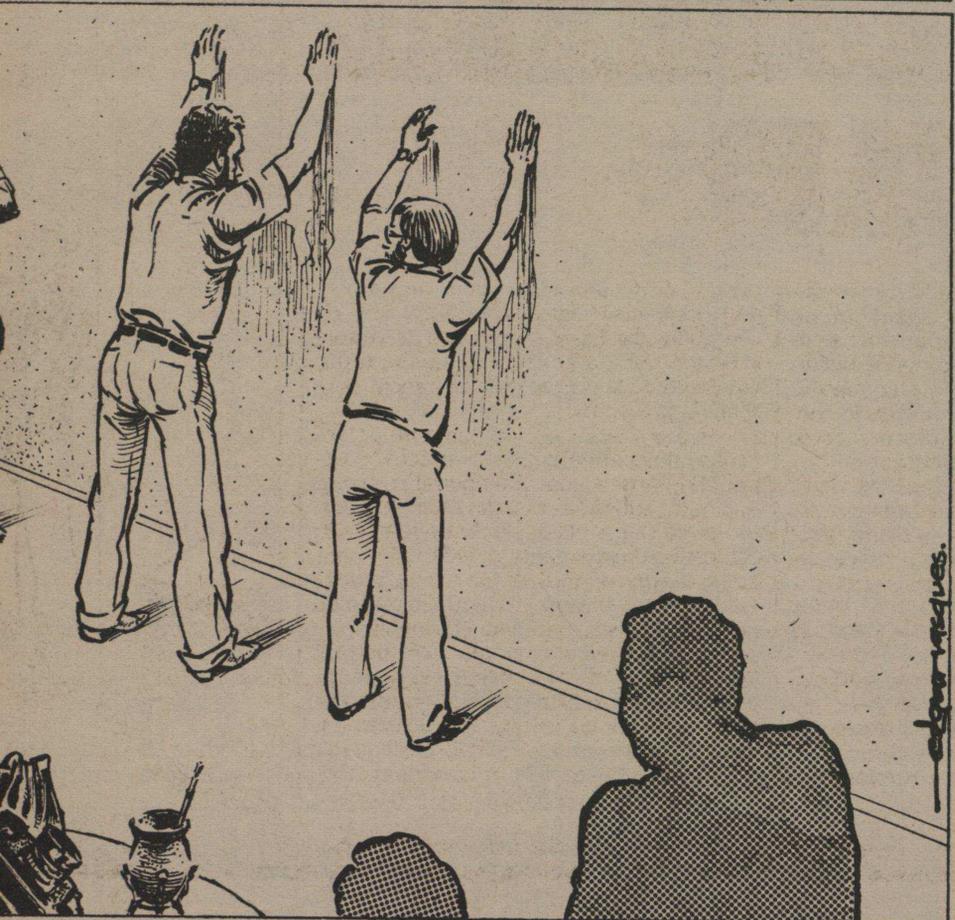
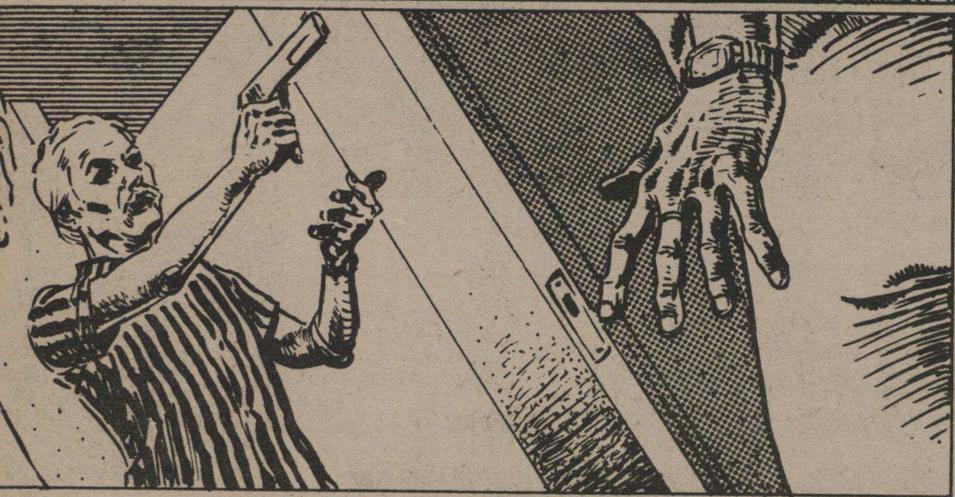
— Mas, como que tu sai por aí atrás de qualquer telefonema?

— Che, eu faço meu trabalho como vocês fazem o de vocês. Quando eu recebo uma informação, eu checo. É o que estou fazendo agora. E pelo jeito a informação era correta. Mas parece que eu caí numa fria, né?

— Uma baita fria, cara.

A resposta foi dada pelo homem ao lado do chefe, um sujeito entroncado, quase sem pescoço, cabelo bem curto, que havia calçado com a pistola ao Scalco. Foi a única frase, ali, não pronunciada pelo chefe. Os outros continuavam em silêncio. Mas juntando todas as frases ouvidas ali era possível concluir duas coisas: 1) os homens armados, pelo comportamento e técnica de agir, eram seguramente policiais, gente de órgãos de segurança; 2) a fala do chefe e a frase de seu assessor indicava claramente que eram brasileiros do Rio Grande do Sul.

Depois de um virtual impasse, em que ficou claro que a nossa presença ali era um dado não previsto na operação, o chefe fez o óbvio: pediu instruções a quem de direito. É essa a explicação mais razoável para a saída do chefe, pela porta da frente do apartamento, por um espaço de uns cinco minutos. Pois, quando voltou, estava



transformado: aparentando mais tranquilidade, procurando ser amável, tentou descontrair o ambiente.

— Tudo bem com vocês! Podem baixar as mãos.

Puxou a cadeira, sentou-se à mesa e pediu, com gentileza, nossas credenciais. Anotou nome, função e endereço profissional (não se interessou pelo telefone) e foi evasivo diante da minha pergunta:

— Afinal, qual é o problema com o pessoal? Contrabando? Subversão?

— Ah, sabe como é, estrangeiro no País, essas coisas...

Advertiu que nada do que se passava ali poderia ser noticiado, pois "vamos ficar aqui até aparecer o cara que te telefonou". E por pouco não me oferecia emprego na sua equipe:

— E tu vais nos ajudar no seguinte: se este cara voltar a ligar, não diz que nós estamos aqui. Nós vamos ficar aqui, esperando.

Não se tratava de uma pessoa séria e digna de crédito, parece, pois duas horas mais tarde, quando o advogado Omar Ferri, também avisado por um telefonema semelhante, esteve no apartamento para confirmar a denúncia, já não havia mais ninguém para lhe abrir a porta.

Eu e o Scalco, depois de uns vinte minutos naquela reunião pouco social, fomos liberados. Voltamos à sucursal,

avisei São Paulo do ocorrido e pensei: "E agora, o que fazer?" Diante da absoluta convicção de estar lidando com policiais numa operação contra estrangeiros ilegais no País, concluí que não havia razão naquele momento para denunciar à polícia uma ação (aparentemente legal) da própria polícia. A matéria de capa sobre as eleições, portanto, voltava a ser minha preocupação maior, madrugada de sábado adentro.

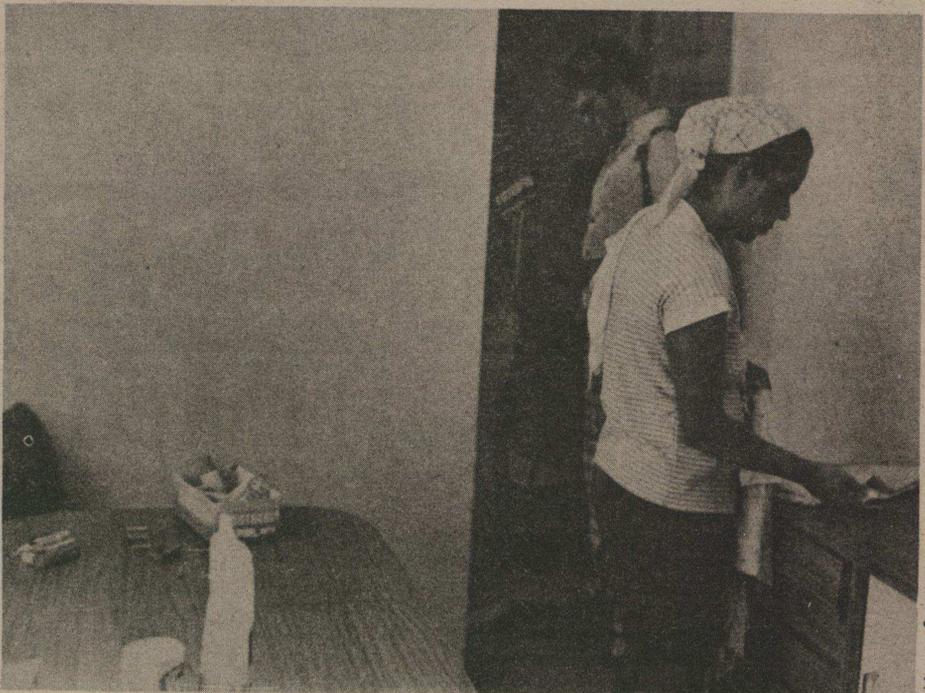
## 100 uruguaios à espera de asilo

Segunda-feira, dia 20, comecei a investigar pelos ditos "canais competentes", aquilo que me parecia ser uma ação policial de rotina. Na assessoria de relações públicas da Secretaria de Segurança, narrei toda a história ao major João Barcellos, que me ouviu um tanto incrédulo. Ergueu o telefone, chamou o DCI (Departamento Central de Informação), recebeu a negativa e me passou a informação com uma piadinha:

— Tens certeza de que não estavas sonhando? Aqui não sabemos de nada. Nós, não fomos. Nesse caso, pode ter sido



Os pais de Lilian, já com os netos entregues pela polícia



O apartamento de onde os seqüestradores levaram Lilian

a Polícia Federal.

Na sala do delegado Edgar Fuques, coordenador regional da Polícia Federal, relato mais uma vez o caso e peço informações. O delegado consulta alguém pelo telefone, depois de me dizer que este tipo de operação não se ajustava aos métodos da Federal, e me dá a resposta:

— É, como eu dizia, não fomos nós.

Fez-se a luz e então eu entendi tudo: a operação de sexta-feira, que nenhum canal "competente" assumia, era na verdade um ato clandestino e ilegal. Tive na minha mão a inédita oportunidade de interromper uma destas operações sujas de seqüestro político no Sul do Continente. E perdi a chance, cacilda. Restava agora a investigação, imediata e profunda, da polícia sobre a identidade dos seqüestradores. Mas, no dia seguinte, terça-feira, 21, a imprensa parecia bem mais ágil e interessada do que os próprios organismos policiais. Tanto que a medida mais objetiva da Polícia Federal, naquele dia, 24 horas depois da denúncia, foi colocar eu e o Scalco diante de uma máquina de escrever e extrair o nosso depoimento.

Enquanto a polícia insistia em negar o seqüestro e admitir apenas o desaparecimento, a imprensa recebia pelo correio fotos da Lilián e dados sobre os desaparecidos, confirmando sua militância política de oposição ao regime militar do Uruguai. Na quarta-feira, certo de que os canais "competentes" não abandonariam sua posição de ouvir ao invés de informar a imprensa, viajei para o Rio de Janeiro, onde a colônia uruguaia de exilados vivia momento de tensão com o seqüestro de Porto Alegre:

— A gente está evitando sair à rua em grupos grandes, para não chamar a atenção. Nunca saímos sozinhos pela cidade e procuramos ficar em casa à noite.

O exilado uruguaio que me dizia isso era um dos quase 100 compatriotas atualmente no Rio aguardando a papelada diplomática para obterem o asilo em países da Europa e desfrutaram apenas de uma precária proteção do escritório local do Al-

to Comissariado para Refugiados Políticos da ONU, que não é reconhecido pelo Governo Brasileiro. E falar com exilado uruguaio no Brasil, hoje em dia, requer cuidados necessários em terras onde a Segurança Nacional não garante a tranquilidade individual dos cidadãos. O uruguaio não quis me receber em seu apartamento: sugeriu que fôssemos à praia, misturados entre os banhistas, e não achou conveniente que eu fosse vestido. Tive que tirar as calças, sapatos e meias, amarrei a camisa na cintura e vesti um calção emprestado por ele. E passei a manhã deitado na areia do Arpoador, anotando e me bronzeando. Os cuidados se explicavam pelos temores que varriam a colônia:

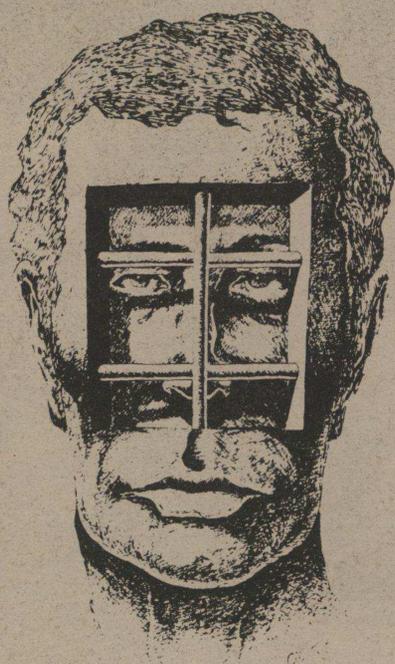
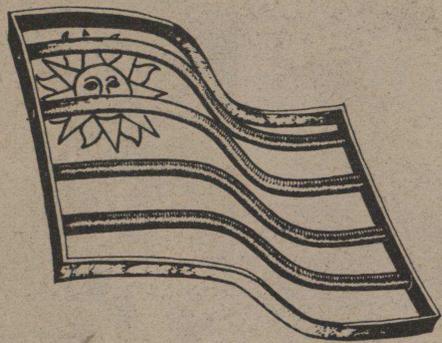
— Hay gente del OCOA en Porto Alegre, Rio y San Pablo.

OCOA é a sigla do Organismo Coordenador de Atividades Anti-subversivas, o grupo de elite da repressão uruguaia responsável pelos mais de 100 casos de seqüestros e desaparecimentos registrados no exterior. Entre os casos mais comentados está o do notório, perigosíssimo Simon Antônio Riquelo, subversivo já aos vinte dias de vida e seqüestrado junto com a mãe no dia em que saía da maternidade em Buenos Aires, no dia 22 de junho de 1976 (a mãe é hoje uma das presas de Punta Rieles, em Montevideu, e a criança desapareceu).

## Jornais proibidos falam em seqüestro

Enquanto isso, continuava a tese dos organismos brasileiros de simples desaparecimento quando, subitamente, no sábado, 25, tudo ficou esclarecido: o casal e as crianças uruguaias haviam sido detidos, em data desconhecida, ao penetrarem em território uruguaio com "material sedicioso", conforme o comunicado 1.400 das Forças Conjuntas do Uruguai. Pena que ninguém acreditou na expli-

(Continua na pág. 10)



# Ação entre amigos (para matar, prender e aterrorizar)

## As polícias secretas das ditaduras agem sem reconhecer fronteiras

"É uma engrenagem muito maior e mais cruel do que se pensa", diz o comentarista de política internacional Newton Carlos, referindo-se à maneira integrada como agem as polícias especiais das ditaduras militares da América Latina. Elas se orientam pelas teorias da contra-insurgência, elaboradas com base nos métodos usados pelos franceses na guerra da Argélia, aperfeiçoada pelos americanos no Vietnã, e hoje difundidos no mundo inteiro.

Para essas organizações policiais, que atuam sob a égide da Segurança Nacional, vigora o princípio das "fronteiras móveis", que justifica os arranjos entre elas para seqüestrar ou aterrorizar oponentes políticos. Foi assim que a DINA, polícia secreta do Chile, pagou assassinos cubanos para matarem Orlando Letellier, ex-ministro de Allende que estava nos Estados Unidos e o general Carlos Prass, também chileno, foi assassinado em seu exílio na Argentina. No Uruguai, esse serviço está a cargo da OCOA, Organismo Coordenador de Atividades Anticomunistas, que está subordinado ao Serviço de Informação e Defesa, espécie de SNI uruguaio. É o que está mais em evidência no momento, mas não é a única como mostra a lista a seguir, feita por organismos internacionais de defesa dos direitos humanos:

### CHILENOS

1. Carlos Prats Gonzales — General e ex-comandante chefe do Exército do Chile durante o governo Salvador Allende, foi assassinado na madrugada de 30 de setembro de 1974 quando chegava com sua esposa à sua residência.
2. Carmen Sofia Cuthbert — esposa do general Prats, morreu com ele.
3. Jorge Valenzuela Soto, e
4. Sergio Quinteros Gelis — Estes dois foram presos dia 12/12/74 em Buenos Aires e postos num avião da Lan Chile por ordem do Ministério do Interior argentino a pedido do cônsul chileno. Em Santiago foram internados no campo de Três Álamos. Em nove de setembro de 75 foram liberados e viajaram para a Dinamarca.
9. Em princípios de 75 apareceram metralhados nas proximidades do aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, os cadáveres de cinco refugiados chilenos, que antes haviam sido seqüestrados.
10. Victor Oliva — apareceu assassinado em Bahia Blanca.
50. Dia sete de setembro de 75 a polícia de Rio Negro invade o refúgio criado pelo arcebispo de Neuquen, dom Jaime Francisco de Navares, e leva 14 homens, 14 mulheres e 11 crianças sob a guarda das Nações Unidas. Depois de muita pressão, todos foram devolvidos dias após.
51. Edgardo Enriquez — seqüestrado na rua em 10 de abril de 76 e entregue dia 27 à polícia chilena.
78. Na madrugada de 11 de junho de 76 cerca de 20 homens fortemente armados invadem os hotéis Hilton e Pinot, onde estavam várias dezenas de refugiados políticos sob a proteção da ONU, levando 25 chilenos, um uruguaio e o dono de um dos hotéis.

Foram liberados dias depois diante da pressão internacional, depois de serem barbaramente torturados.

93. Santiago Edmund Cabrera, Carlos Patricio Duran Gonzales, Hector Veliz Ramirez, Fernando Ortiz Letelier, Edras Pinto Arroyo, Lincoyan Valu Berrios Cataldo, Lijandro Tucapel Cruz Diaz, Horacio Cepeda Marinkovic, Fernando Alfredo Navarro Allende, Aldo Ulises Pizarro Molina, Reinaldo Del Carmem Pereira Plaza, Armando Portillo Portillo, Luis Segundo Lazo Santander — todos pertencentes ao Partido Comunista chileno e seqüestrados nos primeiros dias de janeiro de 77 em Santiago.

96. Dia 17 de maio de 75 foram seqüestrados, em Assunção, o sociólogo chileno Jorge Fuentes e o advogado argentino Amílcar Santucho. Dias antes, a filha de Santucho havia desaparecido em Buenos Aires.

### BOLIVIANOS

1. Juan José Torres — General e ex-presidente boliviano, foi seqüestrado dia 15 de julho de 76 perto de sua casa, em Buenos Aires, e assassinado. Foi encontrado depois amarrado, de olhos vendados e com três furos de bala.
7. Cinco estudantes bolivianos e um peruano foram seqüestrados da residência estudantil onde viviam, em Córdova. No dia seguinte seus cadáveres foram localizados crivados a bala.
9. Graciela Rutilo Artes e Carla Rutilo Artes — Graciela, argentina e mãe de Carla, nove meses, peruana. Presas em Oruro (Bolívia), pela polícia boliviana em dois de abril de 76 e levada para La Paz, onde Graciela foi barbaramente torturada. Sua filha foi entregue num orfanato para uma freira de nome Amparo. A Cruz Vermelha conseguiu falar com Graciela, mas em setembro Carla foi retirada à força de Amparo e desapareceu, havendo informações precisas e documentos com a Cruz Vermelha provando que foram entregues ao governo da Argentina, que nega este fato.

### BRASILEIROS

1. Joaquim Pires Cerveira — Major do Exército brasileiro e exilado em Buenos Aires, foi seqüestrado dia 11 de dezembro de 73. Seis indivíduos penetraram em sua residência "atrás de armas e literatura subversiva", segundo sua esposa. Retornaram às três da madrugada do dia seguinte junto com uma pessoa que falava português e levaram a Cerveira junto com João Batista Rita. Desaparecido.
2. João Batista Rita — Seqüestrado junto com Cerveira e ambos desaparecidos até hoje. Uma testemunha afirmou junto ao Alto Comissariado das Nações Unidas havê-lo visto numa ambulância na prisão militar de Barão do Mesquita, no Rio de Janeiro. "Estavam atados juntos, em posição fetal, e seus rostos estavam inchados com buracos com sangue fresco em suas cabeças, aturdidos e em estado de completo esgotamento".
3. Jefferson Cardin de Alencar Osório — Coronel do Exército brasileiro, foi seqüestrado em Buenos Aires em dezembro de 70, segundo o próprio Jefferson, com conhecimento e apoio logístico do então embaixador brasileiro na Argentina, Antonio Azeredo da Silveira. Recambiado ao Brasil num avião da FAB, ficou preso durante 10 anos no Rio.

66. Rosario Barredo, esposa de William Whittelaw, foi assassinada.
67. Zelmar Michelini, ex-ministro exenador, ex-líder da Frente Ampla, foi seqüestrado do Hotel Liberty na noite de 18 de maio. Dia 23 seu cadáver foi encontrado, crivado de balas, junto aos de Barredo, Whitelaw e Gutierrez Ruiz.
68. Hector Gutierrez Ruiz, ex-deputado, ex-presidente da Câmara dos Deputados e líder do Partido Blanco. Seqüestrado na noite de 18 de maio, foi torturado barbaramente e seu cadáver encontrado dia 23.
69. Ernesto Anzalone Alvarez, dois anos, sobrinho de Laura Anzalone (28), vivia com a tia porque sua mãe fora seqüestrada no Uruguai e seu pai estava preso.
70. Elena de Andres, seqüestrada de sua casa, rua Deheza, 1710.
71. Ana Ines Quadros de Strauch, filha do ex-embaixador uruguaio ante a Grã Bretanha, França e Alemanha Ocidental.

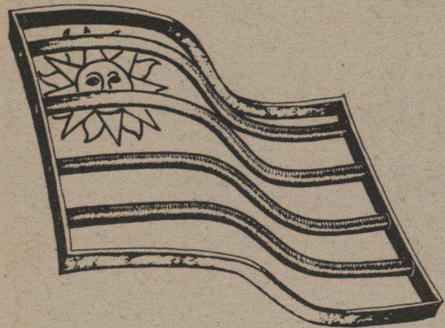
### SEQUESTRADOS EM BUENOS AIRES EM 1977 E 1978

1. Adriana Gatti Casal, 17 anos, casada, grávida de sete meses, filha do líder sindical Gerardo Gatti, seqüestrada dia oito de abril. Até hoje desaparecida. Sua mãe e irmãos, após seu seqüestro, fogem para a França.
2. Gustavo Inzaualde Melgar, Professor.
3. Nelson Santana Scotto, estudante. Ambos foram pegos em Assunção, Paraguai, e recambiados a Buenos Aires e depois Montevideu. Em fins de abril de 77, perceberam que seriam presos e tentaram a fuga através do Paraguai. Até hoje desaparecidos. Pouco depois do seqüestro de ambos, a polícia uruguaia faz anúncio pedindo a captura de Gustavo Inzaualde, o que aumenta a preocupação por sua sorte.
4. José Michelena.
5. Graciela de Michelena, e
6. Fernando Martinez. Os três estudantes, foram presos pelo Exército Argentino em setembro e outubro e estão até hoje desaparecidos.
7. Julio D'Elia Pallares,
8. Yolanda D'Elia,
9. Mario Martinez,
10. Maria Antonia Castro, e
11. Raul Borelli Cataneo. Estas cinco pessoas foram seqüestradas de suas residências nos dias 21 e 23 de dezembro. Continuam desaparecidos até hoje.
12. e 13. Gustavo Goicochea e sua esposa, seqüestrados dia 27/12.
14. Raul Cambero, seqüestrado em 27/12.
15. Gustavo Arce, seqüestrado em 27/12.
16. Carlos Cabezedo,
17. Andres Fontoura, e
18. Carolina Barrientos, esposa de Andres, foram seqüestrados na madrugada de 30 de dezembro da rua Avelino Diaz, 1744.
19. Alberto Corches, e
20. Elena de Corches, ambos seqüestrados em dezembro.
21. Ataliva Castillo,
22. Miguel Angel Rios Casas, e
23. Celia Gomez Rosano, seqüestrados os três nos primeiros dias de 1978.

### SEQUESTRADOS EM BUENOS AIRES EM 1974 E 1975

1. Daniel Banfi,
2. Guillermo Jabif e
3. Luis Latronica, os três estudantes, seqüestrados dia 12 de setembro de 74. Dia 30 de outubro, um camponês da província de Buenos Aires encontrou seus cadáveres banhados em ácido e cal viva para dificultar a identificação.

- Apresentavam visíveis sinais de torturas.
4. Natalio Dergan, seqüestrado na rua em 38 de novembro. Dia 31 de janeiro de 75 seu cadáver foi encontrado em Buenos Aires e sua identificação foi difícil, pois tinha as mãos cortadas.
  5. Raul Parachnik, assassinado a tiros em Buenos Aires dia 25 de dezembro no interior do escritório do "Movimento Argentino de Solidariedade com Latinoamérica".
  6. Floreal Garcia, seqüestrado dia oito de novembro com sua esposa Mirtha e seu filho Amaral, de três anos, em pleno dia e na frente dos vizinhos. Dia 20 de dezembro o cadáver de Floreal foi encontrado, metralhado, numa estrada em Soca, próximo a Montevideu, já no Uruguai.
  7. Mirtha Hernandez, esposa de Floreal, seqüestrada com ele em Buenos Aires e encontrada metralhada próximo a Montevideu.
  8. Amaral Garcia, três anos, filho de Floreal e Mirtha, está até hoje desaparecido.
  9. Hector Daniel Brum, seqüestrado dia oito de novembro e encontrado próximo a Montevideu, metralhado.
  10. Maria de los Angeles Corbo, esposa de Hector Daniel Brum, foi seqüestrada com ele e também encontrada dia 20 de dezembro assassinada em Montevideu.
  11. Graciela Marta Estefanell, também seqüestrada dia oito de novembro e encontrada metralhada em Soca, Montevideu, dia 20 de dezembro. (Estes cinco últimos assassinatos foram cometidos um dia após ter sido assassinado em Paris o coronel Ramón Tralal, ex-chefe dos serviços de inteligência militar do Uruguai, podendo-se tomá-los como uma represália).
  12. Carlos Antonio Rodriguez Coronel,
  13. Juan Carlos Iparraguirre Almeida,
  14. Julio César Saavedra Duarte, e
  15. Justo Pilo Yañez, detidos pela polícia argentina em maio de 74 e enviados ao Uruguai dia seis desses mês. Diante do enérgico protesto do Alto Comissariado da ONU, os quatro foram liberados em Montevideu em julho, viajando depois a outros países.
  16. Antonio Clorindo Viana Acosta, seqüestrado em janeiro. Foi condenado por um tribunal militar e está preso em Libertad, Montevideu.
  17. Mario Nino de Negri,
  18. Alejandro Nogueira, e
  19. Adriana Ferrara, esposa de Alejandro Nogueira, os três foram seqüestrados dia 11 de dezembro de 75. Somente em dezembro de 76 a polícia uruguaia comunicou a seus familiares que os dois homens estavam presos em Pueblo Libertad e Adriana em Punta Rieles.
  20. Ricardo del Fabro, seqüestrado em julho de 75 e jamais ouviu-se falar dele.
  21. Félix Miguez, seqüestrado em oito de agosto de 75 e também desaparecido até agora.
  22. Nabio Ariel Melo Cuesta, seqüestrado em 8/2/75, desaparecido até hoje.
  23. Wineton Mazzuchi, seqüestrado em 8/2/75, desaparecido até hoje.



veira dizia que o assunto não era do Itamaraty e sim do Ministério da Justiça. E insistia no desaparecimento puro e simples. O chanceler Adolfo Folle Martinez, do Uruguai, dizia que o assunto já fora devidamente encerrado pelos comunicados militares do País, que sustentavam a incrível versão de dois militantes da esquerda ingressando ilegalmente no País, por uma movimentada rodovia federal, armados, com duas crianças e alguns panfletos subversivos. Devidamente cercado pelos abusados jornalistas brasileiros, entre os sofás do hall fronteiro ao restaurante do hotel, Folle Martinez insistia na tese da prisão na fronteira, já em solo uruguaio. Perguntei:

— Ministro, como o Sr. explica a discrepância entre o meu testemunho, de que Lilian estava em Porto Alegre, e o comunicado das Forças Conjuntas?

— Bueno, si su testimonio es valedero, pienso que hay que prestar declaraciones a las Fuerzas Conjuntas...

Eu, hein? As prestimosas Forças Conjuntas não haviam demonstrado o mínimo interesse em me ouvir. As eficientes Forças Conjuntas utilizam técnicas de interrogatório que não estimulam nenhum ser humano ao depoimento voluntário. A tortura que caracteriza um dos regimes militares mais repressivos e sinistros do mundo é a maior garantia de que, no Uruguai, atualmente, qualquer *testimonio* pode ser extraído pelos militares, treinados na sangrenta, mas produtiva escola dos

## HOMBRES FUERTEMENTE ARMADOS SI LOS LLEVARON DE SU APARTAMENTO

Las bebidas se encuentran en estado sumamente grave

## MATRIMONIO URUGUAYO Y SUS DOS HIJOS SECUESTRADOS EN EL BRASIL

El Diario

Jornal uruguaio noticiou seqüestro, mas depois do comunicado oficial voltou atrás

pára-quadistas franceses na guerra da Argélia. Verdadeiro ou não, o que interessa nos depoimentos é a versão mais simpática aos militares: a de que o Uruguai é uma ilha de segurança e desenvolvimento cercada por todos os lados de marxistas, comunistas, anarquistas e outros gérmenes desagregadores da pátria, da família e da propriedade.

2) A censura à imprensa nacional e estrangeira. Este é o outro obstáculo para o trabalho dos jornalistas no País. No Hotel Cassino. São Rafael, apenas quatro máquinas de telex serviam a mais de 50 jornalistas destacados para a cobertura da reunião da Bacia do Prata. E apenas duas linhas de transmissão ligavam Punta del Este ao Brasil. Os repórteres brasileiros pediam ligação no fim da manhã e o contato só se completava no início da noite, oito, dez, doze horas mais tarde. E, curiosamente, a linha sempre caía quando a matéria incluía palavras delicadas como *tortura*, *tupamaro*, *repressão*.

— O equipamento é muito velho, as linhas são antigas. É preciso ter paciência — repetiam os operadores de telex, tentando uma explicação.

Paciência, mesmo, teve o jurista francês Jean Louis Weil, que cruzou o Atlântico com credenciais de três entidades

(Movimento Internacional de Juristas Católicos, Federação Internacional de Direitos do Homem e Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai) para ouvir no Brasil as mesmas desculpas e obter os mesmos resultados de outras duas viagens a Montevidéu. As autoridades policiais não o receberam, por ser fim de semana, e as autoridades civis alegaram problemas de competência para justificar o imobilismo oficial em torno do caso. O vice e futuro governador Amaral de Souza, na hostil audiência concedida a Weil, preferiu discutir a vulnerável situação dos direitos humanos na França, dando como exemplo a repressão policial sofrida dias antes por um grupo de agricultores franceses e exibida na TV.

— A polícia batia com muita violência e, no Brasil, não acontece isso, não temos esta violência da polícia.

Os fotógrafos, presentes ao encontro, olharam-se e riram.

— Os senhores, através dessas entidades, deveriam também tratar disso — protestou o *humanista* Amaral de Souza.

A viagem de Weil à América do Sul, contudo, teve momentos bem mais gratificantes. Momentos antes de embarcar de volta para Paris, no Rio de Janeiro, Weil

falou longamente sobre o caso do seqüestro e investiu contra todos os furos da fágil versão uruguaia. Explicou, inclusive, que Lilian Celiberti, ao invés de terrorista, era uma opositorista uruguaia que denunciava uma importante trabalho de denúncia sobre torturas e repressão nos cárceres da ditadura militar ante organismos de defesa dos direitos humanos na Europa. O próprio Weil já ouvira um depoimento de Lilian em Genebra, na Comissão de Direitos do Homem, da ONU, em fevereiro passado. E denunciou a co-participação de militares uruguaiois, chefiados pelo general Amaury Prantl, e policiais brasileiros, comandados pelo delegado do DOPS gaúcho, Pedro Seelig.

No final, muitos vilões, nenhum herói

Nesta longa história, ainda sem conclusão, com muitos vilões e nenhum herói, Weil conseguiu fazer pelo menos um elogio:

(continua na pág. 12)

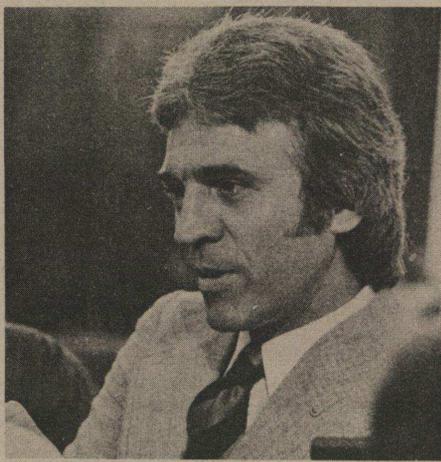
# Tudo é culpa do Pedro?

Durante a sua passagem pelo Brasil, principalmente em Porto Alegre, o jurista francês Jean Louis Weil, apontou um comando do Organismo Coordenador de Operações Antisubversivas — OCOA — chefiado pelo general uruguaio Amaury Prantl, além de policiais do DOPS gaúcho, como os responsáveis pelo seqüestro. Um desses policiais Weil citou nominalmente: Pedro Carlos Seelig, delegado de 46 anos, casado, chefe do Setor de Investigações do DOPS, e um dos mais conhecidos policiais nos órgãos de segurança. Seu codinome: "Major". Inúmeros presos políticos que passaram pelas dependências da Secretaria de Segurança, localizada na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre, ouviram seguidamente os agentes falarem no "Major", e todos sempre ligavam esta figura a de um militar.

Seelig chegou pela primeira vez no Departamento de Ordem Política e Social no final de 63, quando estava lotado na cidade de Lagoa Vermelha. Mas a sua carreira como policial começou na antiga Guarda Civil, depois transformada em Polícia Civil. Fora do ambiente policial a única informação que se têm é que Seelig antes de policial, foi motorista de ônibus. Quando aconteceu o Movimento Militar de 31 de março o delegado Seelig já se encontrava no DOPS. Pegou os dois primeiros anos de repressão neste departamento, trabalhando sempre no setor de investigações — encarregado dos presos e interrogatórios no DOPS. Em julho de 65 foi transferido para a 3ª Delegacia de Porto Alegre, e logo a seguir para a cidade de São Sebastião do Caí. Depois ainda esteve no município de Serafina Correia, Santa Maria e Canoas. Em 69 voltou ao DOPS, onde continua até hoje.

Ao delegado Seelig, citado pelo Jornal do Brasil como "o Fleury gaúcho" e um dos "gurus" da própria polícia, são atribuídos os desmantelamentos dos vários grupos da esquerda armada que atuaram no Rio Grande do Sul. (ALM, VPR, VAR-Palmares, M3-C, entre outros).

Em fevereiro de 73 ele esteve envolvido num fato bastante marcado na "sua carreira": No dia 8 de fevereiro morreu nas



Pedro Seelig: "Sou visado"

dependências do DOPS o menor Luis Alberto Pinto Arébal, 16 anos seu filho adotivo. Posteriormente, o juiz Augusto Hernandez acusou-o de homicídio qualificado, mas a justiça não conseguiu provar nada. Mas desde aí Seelig deixou de aparecer com frequência nos jornais. A não ser, é claro, para receber do Exército, a Medalha de Pacificador, meses após a morte de Arébal.

O policial gaúcho só voltou às manchetes no caso do seqüestro de seis meninos, ocorrido em Porto Alegre, no início de 77. Depois disso Seelig aparece sob o número 42 na lista dos 233 torturadores publicada pelo semanário *Em Tempo*. É agora acusado de participar do seqüestro dos uruguaiois, numa operação que muitos policiais admitiram confidencialmente ter sido "mal feita". Um dia depois que o seu nome foi publicado pelos jornais, Seelig recebeu uma única vez os repórteres, quando então teceu alguns rápidos comentários:

— Não entro na discussão porque tudo não passa de mera especulação. Isto é mais um ônus por ter acabado com o terrorismo no Rio Grande do Sul. Criei fama, fiquei visado por ter terminado com os grupos de esquerda. Tudo o que acontece, agora, é culpa do Pedro.

Vem aí a edição especial do Coojornal

# HUMOR AS PAMPAS

Todo o Rio Grande do Sul está revisado humoristicamente nesta edição.

Nas bancas, a partir de 30 de dezembro.

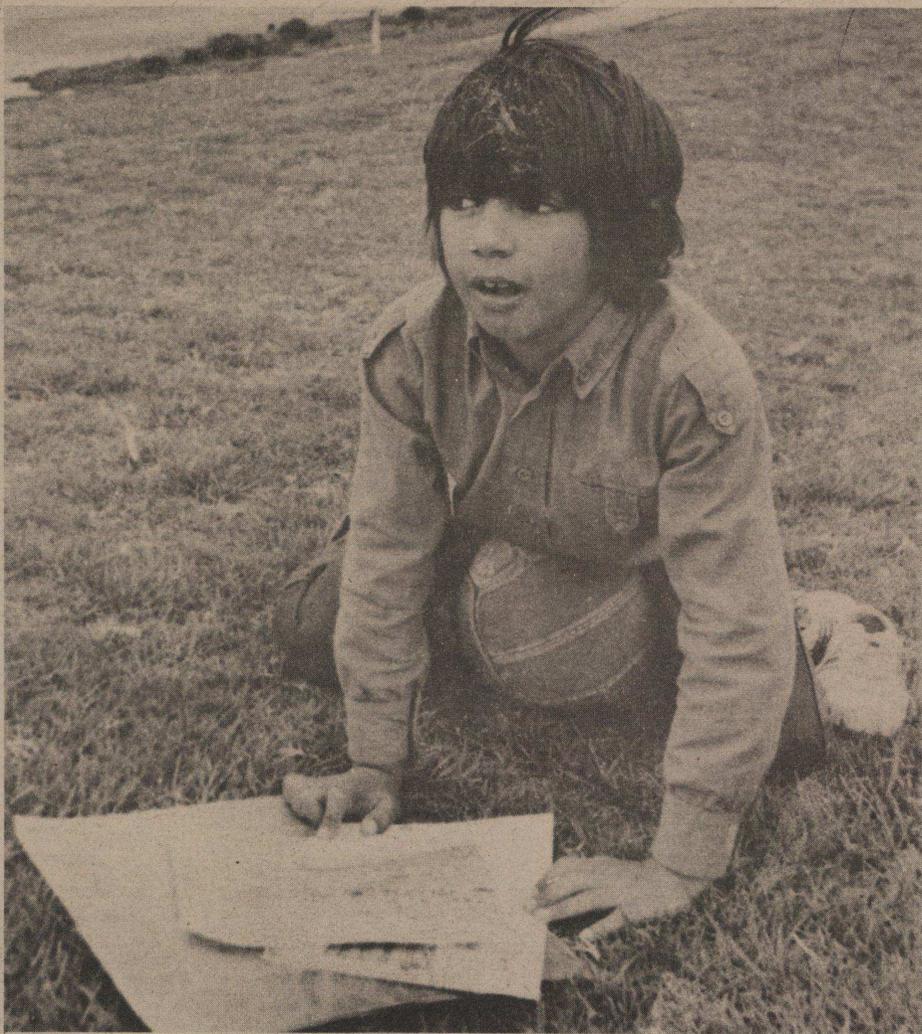
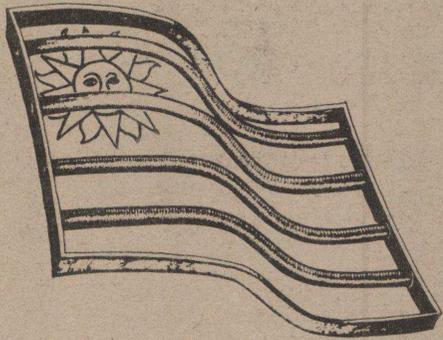
Você vai rir das tradições, da história e da vida gaúcha nos últimos tempos.

Com o talento, a capacidade e a inteligência de rir de si mesmo dos melhores humoristas gaúchos.

Participação especial dos maiores nomes do humor brasileiro, além de poetas, escritores, cronistas e intelectuais baixando o pau nas coisas do Sul.

Você não pode perder HUMOR AS PAMPAS.





Camilo reconhecendo as fotos: "Da janela eu via o riacho"

# Camilo: "Vi uruguaianos em P. Alegre"

Em Montevideu, o repórter Tomás Pereira, do Coojornal, conversou com o menino Camilo Cesariego Celiberti, de oito anos, seqüestrado junto com a mãe e a irmã Francesca, de três anos. Ele vinha da praia, como todas as manhãs, e falou com muito desembaraço e segurança sobre os fatos ocorridos 15 dias antes:

— Camilo, como vieste para Montevideu?

— Me trouxeram.

— Quem te trouxe, tua mãe e Univer-sindo?

— Não, os homens que me prenderam

— Quer dizer que estiveste preso?

Francesca estava junto? Como começou esta prisão?

— Eu e o amigo de minha mãe saímos para ir ao Beira-Rio ver Inter e Caxias. Era uma e meia da tarde. Saímos, andamos alguns metros e fomos presos.

— Tu ficaste em companhia de tua mãe, no apartamento?

— Não, eles tiraram eu e Francesca de lá e nos botaram num auto. Fomos levados para um prédio grande, parece um quartel, um "carcel" (prisão) onde os policiais não usam uniformes mas roupas comuns.

— Tu lembra alguma coisa desse prédio, onde ele ficava?

— Na frente dele tinha um arroio, que passava no meio de duas ruas. Lembro disso porque de uma janela eu olhava para fora e via o arroio e as ruas. Entramos pelos fundos e subimos por um elevador.

— Quem te prendeu era brasileiro?

— Sim, eram brasileiros, mas eu vi dois uruguaianos em Porto Alegre.

— Como viestes parar em Montevideu?

— Eles trouxeram a mim e a Francesca. No mesmo dia, eram nove horas da noite, quando começamos a viajar. Eu perguntei a hora e o homem me disse. Viajamos num carro brasileiro até a fronteira, quando nos trocaram de carro e fomos entregues à polícia uruguaia. Aí continuamos viajando e fomos levados para Punta del Este.

— Como sabes que era Punta del Este?

— Porque eu perguntei onde estávamos e um homem me disse que era Punta del Este. Estávamos numa casa, mas eu nunca pude ouvir barulho do mar, das ondas. Sei que já tínhamos passado a fronteira há bastante tempo.

— Durante a viagem, tua mãe e Univer-sinho iam juntos?

— Nunca mais vi minha mãe desde o momento em que fomos presos. Eles ficaram com ela.

(De acordo com essas informações, Camilo e Francesca foram seqüestrados no domingo, dia 12 de novembro, quando jogaram Internacional e Caxias, no Beira-Rio. A polícia uruguaia só entregou os dois a seus avós no sábado, dia 25, quando também que reconhece ter Lilián e Univer-sindo em seu poder).

Nesse depoimento, Camilo disse quatro coisas importantes: primeiro, o dia em que foi seqüestrado, ao relacionar com o jogo; segundo, que havia uruguaianos em Porto Alegre; terceiro, o prédio no qual ficou preso; e, quarto, que foi trocado na fronteira. Faltava, entretanto, que Camilo reconhecesse o prédio descrito por ele através de fotografias. Cinco dias após suas primeiras declarações, novamente na praia, travou-se este diálogo:

— Olá, Camilo. Queres ver algumas fotos do jogo Internacional e Caxias que não pudeste assistir?

— Que bom, quero sim. Deixem-me ver, quem é este aqui? E este? Mas, e isto o que é? Olha, foi aqui que eu e Francesca estivemos presos. Nós viemos de carro por aqui, fizemos a volta e entramos aqui por trás. De uma janela daqui eu olhava para a rua.

Entre as fotos, para não induzir sua resposta, havíamos colocado fotos de prédios de Porto Alegre, entre as quais duas da sede da Secretaria de Segurança do Rio Grande do Sul, onde funcionam várias delegacias e o DOPS. Estas duas foram as que o menino reconheceu.

— Com precisão e sensibilidade exemplares, a imprensa brasileira tem informado detalhadamente todos os fatos referentes ao seqüestro.

Weil acha que esta atitude "resoluta e valente" da imprensa, especialmente, explica por que Lilian, Univer-sindo e as duas crianças não foram mortas, como tantas outras da recente história repressiva do Uruguai. Graças ao trabalho da imprensa, o seqüestro de Porto Alegre está explicado. Cabe as autoridades cumprirem a sua parte: investigar e revelar os nomes dos autores.

Luiz Cláudio Cunha

# LUTE CONTRA A ALIENACÃO.

## NESTE NATAL, DÊ UMA ASSINATURA DO COOJORNAL DE PRESENTE.

Preencha estes cupons com o nome dos seus amigos e envie ao Coojornal. Tá uma sugestão criativa e inteligente pra presente de Natal.

Dando uma assinatura do Coojornal, você estimula o debate,

faz seu amigo pensar, criticar, entender melhor que País é este. É mais uma cabeça pensante na luta pela liberdade.

### COOJORNAL

### Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00  
Envie cheque nominal ou vale postal para:  
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000  
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....

Endereço: ..... Fone: .....

Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....

Estado: ..... Profissão: .....

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

### Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00  
Envie cheque nominal ou vale postal para:  
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000  
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....

Endereço: ..... Fone: .....

Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....

Estado: ..... Profissão: .....

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

